

“A  
Decadência  
da Mentira”

By Oscar Wilde.

Um diálogo.

Personagens: Cyril e Vivian.

Cenário: A biblioteca de uma casa de campo em Nottinghamshire.

Cyril (vindo do terraço pela janela aberta) – Meu querido Vivian, não se feche o dia todo na biblioteca. Está uma tarde perfeitamente adorável. O ar está excelente. Há uma névoa na floresta, como o roxo florescer na ameixeira. Deitemo-nos na grama e fumemos cigarros e desfrutemos a Natureza.

Vivian – Desfrutar a Natureza! Eu sou feliz em dizer que perdi completamente essa faculdade. As pessoas nos dizem que a Arte faz-nos amar a Natureza mais do que a amávamos antes; que revela-nos seus segredos; e que depois de um cuidadoso estudo de Corot e Constable\* vemos coisas nela que nos tinham escapado à observação. Minha própria experiência é que quanto mais estudamos a Arte, menos nos importamos com a Natureza. O que a Arte realmente nos revela é a falta de ordem da Natureza, suas curiosas rudezas, sua extraordinária monotonia, sua condição completamente inacabada. A Natureza tem boas intenções, claro, mas, como disse uma vez Aristóteles, ela não pode levá-las adiante. Quando eu olho para uma paisagem não posso evitar de ver todos os seus defeitos. Ainda bem para nós, entretanto, a Natureza ser tão imperfeita, ou então não teríamos arte alguma. A Arte é nosso protesto vigoroso, nossa tentativa galante de ensinar a Natureza o seu lugar. Quanto à infinita variedade da Natureza, isso é puro mito. Não é para ser achada na Natureza em si. Reside na imaginação, ou fantasia, ou na cegueira cultivada do homem que olha para ela.

---

\* Jean-Baptiste Camille Corot (1796 – 1875): pintor realista francês do século XIX. John Constable (1776-1837): pintor inglês cuja obra tinha como tema principal a natureza.

---

Cyril – Bem, você não precisa olhar para a paisagem. Você pode deitar na grama e fumar e conversar.

Vivian – Mas a Natureza é tão desconfortável. A grama é dura e incômoda e pegajosa, e cheia de medonhos insetos negros. Até o mais pobre trabalhador de Morris conseguiria fazer um assento mais confortável que o todo da Natureza consegue. A Natureza perde a importância perante a mobília da “rua que emprestou seu nome de Oxford”, como o poeta que amas tanto uma vez vilmente fraseou. Eu não reclamo. Se a Natureza tivesse sido confortável, o ser humano nunca teria inventado a arquitetura, e eu prefiro casas ao ar livre. Numa casa sentimos tudo em nossas próprias proporções. Tudo é subordinado a nós, modelado para nosso uso e prazer. O egoísmo em si, que é tão necessário para um sentido adequado de dignidade humana, é inteiramente o resultado da vida entre quatro paredes. Do lado de fora nos tornamos abstratos e impessoais. Nossa individualidade absolutamente nos deixa. E então a Natureza é tão indiferente, tão depreciativa. Sempre que estou andando no parque daqui sinto que não sou mais para ela que o gado que pasta no declive, ou a bardana que floresce na vala. Nada é mais evidente do que o ódio da Natureza pela Mente. Pensar é a coisa menos saudável no mundo, e as pessoas morrem disso tanto quanto morrem de qualquer outra doença. Por sorte, na Inglaterra pelo menos, o pensamento não está pegando. Nosso físico esplêndido como povo é inteiramente devido à nossa estupidez nacional. Eu só espero que sejamos capazes de manter esse grande histórico baluarte da nossa felicidade pelos muitos anos que virão; mas eu acho que estamos começando a ser super-educados; pelo menos todo mundo que é incapaz de aprender resolve ensinar – isso é mesmo até onde nosso entusiasmo por educação chegou. Enquanto isso, é melhor você voltar para sua fastidiosa e desconfortável Natureza, e me deixe para corrigir minhas provas.

Cyril- Escrevendo um artigo! Isso não é muito consistente depois do que acaba de dizer.

Vivian- Quem quer ser consistente? O beócio e o doutrineiro, as pessoas tediosas que seguem seus princípios ao fim amargo da ação, ao REDUCTIO AD ABSURDUM\* da prática. Não eu. Como Emerson, eu escrevo sobre a porta da minha biblioteca a palavra “Capricho”. Além do mais, meu artigo é na verdade um saudável e valioso aviso. Se for seguido, pode talvez haver um novo Renascimento da Arte.

Cyril – Qual o assunto?

Vivian- Eu pretendo chamá-lo “A Decadência da Mentira: Um Protesto.”

Cyril- Mentira! Eu devia ter imaginado que nossos políticos continuaram com esse hábito.

Vivian- Eu lhe asseguro que não. Eles nunca sobem além do nível de deturpação, e até mesmo se rebaixam para provar, discutir, argumentar. Quão diferente do temperamento do verdadeiro mentiroso, com suas declarações francas, sem medo, sua soberba irresponsabilidade, seu saudável, natural desdém por qualquer tipo de prova. Afinal, o que é uma boa mentira? Simplesmente é sua própria prova. Se um homem é suficientemente sem imaginação para produzir prova para sustentar uma mentira, seria melhor se dissesse a verdade de uma vez. Não, os políticos não. Alguma coisa pode, talvez, ser apressada em favor da Ordem (*dos advogados*). O manto do Sofista caiu sobre seus membros. Suas falsas retóricas, árduas e irreais, são encantáveis. Eles conseguem fazer a pior parecer a melhor causa, como se tivessem acabado de sair das escolas Leontine, e tivessem sido conhecidos por arrancar de júris relutantes vereditos triunfantes de absolvição para seus clientes, ainda que esses clientes, como acontece muito, fossem claramente e sem engano inocentes. Mas eles são instruídos pelo prosaico, e não têm vergonha de apelar ao precedente. Apesar de seus esforços, a verdade aparecerá. Os jornais, até, têm degenerado. Eles podem agora ser absolutamente confiáveis.

---

\*Em Latim. Significa: “Redução ao absurdo”, algo como uma lógica, um raciocínio absurdo.

---

Pode sentir-se ao atravessar por suas colunas. É sempre o ilegível que ocorre. Acho que não há muito a ser dito em favor do advogado ou do jornalista. Além do mais, o que estou pleiteando é a Mentira na arte. Devo ler a você o que escrevi? Pode te fazer um grande bem.

Cyril- Certamente, se você me der um cigarro. Obrigado. Aliás, pretende-o para que revista?

Vivian- Para a “Retrospective Review”\*. Eu acho que lhe contei que o eleito a tinha ressuscitado.

Cyril- Quem você quer dizer por “o eleito”?

Vivian- Oh, Os Hedonistas Cansados, claro. É um clube do qual faço parte. Nós temos que usar rosas desbotadas quando nos reunimos, e ter um tipo de culto por Domitian\*\*. Temo que não sejas elegível. Você é muito chegado aos prazeres simples.

Cyril- Eu devia ser banido por motivo de espírito animal, suponho?

Vivian- Provavelmente. Além do mais, você é um pouco velho demais. Nós não admitimos ninguém que esteja fora da idade usual.

Cyril- Bem, eu imagino que vocês estão todos bem cansados um dos outros.

Vivian- Nós estamos. Esse é um dos objetivos do clube. Agora, se você prometer não interromper muito, eu lerei meu artigo para você.

Cyril- Terá minha total atenção.

---

\*“Crítica Retrospectiva”.

\*\*Titus Flavius Domitianus (51-96 D.C.), mais conhecido como Domitian, último imperador romano da dinastia Flavius, primeiro imperador a se venerar, chamava a si mesmo de “Senhor e Deus”.

---

Vivian (lendo numa voz bem clara, musical)- A Decadência da Mentira: Um Protesto. – Uma das causas-chefe que pode ser apontada pelo caráter curiosamente lugar-comum da maioria da literatura de nossa época é sem dúvida a decadência da mentira como arte, ciência, e prazer social. Os historiadores clássicos nos deram encantadora ficção na forma de fato; o romancista moderno nos apresenta fatos enfadonhos sob o véu de ficção. O Livro-Azul está rapidamente se tornando seu ideal para ambos método e modo. Ele tem seu tedioso Documento Humano, sua pequena miserável Moeda De La Criação, o qual ele esquadrinha com seu microscópio. Ele pode ser encontrado na Librairie Nationale, ou no Museu Britânico, desavergonhadamente lendo sua matéria. Ele não tem nem a coragem das idéias de outras pessoas, mas insiste em ir diretamente à vida para tudo, e finalmente, entre enciclopédias e experiência pessoal, ele chega ao chão, tendo tirado seus tipos do círculo familiar ou da lavadeira semanal, e tendo adquirido uma quantidade de informação útil da qual nunca, nem mesmo em seus momentos mais meditativos, pode ele se livrar totalmente.

“A perda que resulta para a literatura em geral desse falso ideal de nosso tempo dificilmente pode ser superestimada. As pessoas têm uma maneira descuidada de falar sobre um ‘mentiroso nato’, tanto quanto falam sobre um ‘poeta nato’. Mas em ambos os casos eles estão errados. Mentira e poesia são artes – artes, como Pinto observou, não desligadas uma da outra – e elas exigem o estudo mais cuidadoso, a devoção mais desinteressada. De fato, elas têm suas técnicas, assim como as artes mais materiais de pintura e escultura têm seus sutis segredos de forma e cor, seus mistérios-do-ofício, seus métodos artísticos deliberados. Como se conhece o poeta por sua boa música, também pode-se reconhecer o mentiroso por sua rica eloqüência rítmica, e em nenhum dos dois casos a casual inspiração do momento será suficiente. Aqui, como em qualquer outro caso, a prática faz a perfeição. Mas nos dias de hoje, enquanto a moda de escrever poesia tem-se tornado comum demais, e devia, se possível, ser desencorajada, a moda de mentir já quase perdeu o prestígio. Um jovem começa na vida com um dom natural para o exagero que, se nutrido em ambientes apropriados e solidários, ou pela imitação dos melhores modelos, pode crescer para ser algo realmente ótimo e

maravilhoso. Mas, como regra, ele não chega a nada. Ele ou cai em descuidados atos de precisão -”

Cyril- Meu querido amigo!

Vivian- Por favor, não interrompa no meio da frase. “Ele ou cai em descuidados atos de precisão, ou se atrai a freqüentar a sociedade dos de idade ou dos bem-informados. Ambas as coisas são igualmente fatais para sua imaginação, como na verdade seriam fatais à imaginação de qualquer um, e em pouco tempo ele desenvolve uma mórbida e insalutar faculdade de dizer a verdade, começa a verificar todas as declarações feitas em sua presença, não hesita em contradizer pessoas que são bem mais jovens que ele, e muitas vezes termina escrevendo romances que são tão como a vida que ninguém pode acreditar serem prováveis. Esse não é nenhum exemplo isolado que estamos dando. É simplesmente um exemplo de muitos; e se alguma coisa não pode ser feita para pôr fim, ou ao menos modificar, a nossa monstruosa adoração dos fatos, a Arte se tornará estéril, e a beleza passará longe da Terra.

“Até o Sr. Robert Louis Stevenson, aquele adorável mestre da prosa delicada e fantástica, está manchado por esse vício moderno, pois não sabemos absolutamente que nome dar. Uma coisa é roubar uma história de sua realidade por tentar torná-la verdade, e ‘A Flecha Negra’ é tão não-artístico a ponto de não conter um único anacronismo para se orgulhar, enquanto a transformação do Dr. Jekyll se lê perigosamente como um experimento saído do Lancet\*. Quanto ao Sr. Rider Haggard, que realmente tem, ou uma vez teve, os predicados de um mentiroso perfeitamente magnífico, ele agora teme tanto ser suspeito de gênio que quando realmente nos conta algo maravilhoso, ele se sente obrigado a inventar uma reminiscência pessoal, e de colocá-la numa nota de rodapé como um tipo de covarde corroboração. Nossos outros romancistas não são muito melhores.

---

\*The Lancet: uma das mais importantes publicações científicas na área médica. É publicada no Reino Unido.

---

O Sr. Henry James escreve ficção como se fosse um penoso dever, e desperdiça em motivos banais e imperceptíveis pontos-de-vista seu estilo literário caprichado, suas frases oportunas, sua sátira viva e cáustica. O Sr. Hall Caine, é verdade, aponta para o grandioso, no entanto ele escreve do topo de sua voz. Ele é tão ruidoso que não se pode suportar o que ele diz. O Sr. James Payn é um adepto da arte de ocultar o que não vale a pena encontrar. Ele caça o óbvio com o entusiasmo de um detetive com má vista. Ao virar-se as páginas, o suspense do autor se torna quase insuportável. Os cavalos do Faetonte do Sr. William Black não se elevam em direção ao Sol. Eles apenas assustam o céu à noite provocando violentos efeitos cromolitográficos. Ao verem eles se aproximarem, os camponeses se refugiam no dialeto. A Sra. Oliphant tagarela agradavelmente sobre curas, jogos de tênis, domesticidade, e outras coisas tediosas. O Sr. Marion Crawford se sacrificou sobre o altar de cor local. Ele é como a dama na comédia francesa que vive falando do 'le beau ciel d'Italie'\*. Além do mais, ele caiu no mau hábito de proferir chavões morais. Ele está sempre nos dizendo que ser bom é ser bom, e que ser mau é ser cruel. Às vezes ele é quase edificante. Robert Elsmere\*\* é, claro, uma obra-prima – uma obra-prima do 'genre ennuyeux', a única forma de literatura que o povo inglês parece realmente apreciar. Um atencioso amigo nosso nos disse uma vez que o lembrava do tipo de conversa passada num chá na casa de uma família Inconformista séria, e nós bem podemos acreditar. Realmente só na Inglaterra tal livro podia ser produzido. A Inglaterra é o lar das idéias perdidas. Quanto àquela grande e diariamente crescente escola de romancistas para a qual o sol sempre se levanta no East-End, a única coisa que pode ser dita sobre eles é que encontram a vida verde, e a deixam crua.

---

\* "O belo céu da Itália".

\*\*Robert Elsmere: romance escrito por Mary Augusta Arnold (1851-1920), mais conhecida por Sra. Humphry Ward, escritora inglesa.

---



“Na França, ainda que nada tão deliberadamente tedioso como Robert Elsmere tenha sido produzido, as coisas não vão muito melhor. O Sr. Guy de Maupassant, com sua afiada ironia mordaz e seu estilo difícil e vívido, despe a vida dos poucos trapos que ainda a cobrem, e nos mostra chagas fétidas e feridas supuradas. Ele escreve pálidas tragediazinhas nas quais todos são ridículos; comédias amargas das quais não se pode rir por muitas lágrimas. O Sr. Zola, verdadeiro ao elevado princípio que ele nos apresenta em um de seus pronunciamentos sobre literatura, *L’homme de genie n’a jamais d’esprit*, está determinado a mostrar que, se ele não tem gênio, pode pelo menos ser chato. E como ele tem sucesso! Ele não é totalmente sem poder. Realmente, às vezes, como em *Germinal*, há algo quase épico em sua obra. Mas sua obra é completamente errada, do começo ao fim, e errada não só no que se refere à moral, mas no que se refere à arte. De qualquer ponto-de-vista ético, é exatamente o que devia ser. O autor é perfeitamente verdadeiro, e descreve as coisas exatamente como acontecem. O que mais qualquer moralista pode desejar? Não temos simpatia alguma pela indignação moral de nosso tempo contra o Sr. Zola. É simplesmente a indignação de Tartufo por ser exposto. Mas do ponto-de-vista da arte, o que pode ser dito em favor do autor de *L’assommoir*, *Nana* e *Pot-Bouille*? Nada. O Sr. Ruskin descreveu certa vez os personagens dos romances de George Eliot como parecidos com as limpezas de um ônibus de Pentoville, mas os personagens do Sr. Zola são bem piores. Eles têm seus monótonos vícios, e ainda mas monótonas virtudes. O registro de suas vidas é absolutamente sem interesse. Quem se importa o que acontece a eles? Na literatura nós exigimos distinção, charme, beleza e poder imaginativo. Nós não queremos ser mortificados e enjojados com o relato dos atos das ordens inferiores. O Sr. Daudet é melhor. Ele tem sagacidade, um toque leve e um divertido estilo. Mas ele recentemente cometeu suicídio literário. Ninguém pode se importar com Delobelle com seu *Il faut lutter pour l’art\**, ou com Valmajour com seu eterno refrão sobre o rouxinol, ou com o poeta em *Jack* com seus *mots cruels*, agora que aprendemos com *Vingt Ans De Ma Vie Litteraire* que esses personagens foram tirados diretamente da vida real.

---

\*“Ele deve lutar pela arte”.

Para nós eles parecem ter repentinamente perdido toda sua vitalidade, todas as poucas qualidades que possuíam. As únicas verdadeiras pessoas são as que nunca existiram, e se um romancista é base suficiente para ir à vida por seus personagens ele devia ao menos fingir que são criações, e não se vangloriar por serem cópias. A justificação de um personagem em um romance não é que outras pessoas são o que eles são, mas sim que o autor é o que ele é. Do contrário, o romance não é uma obra de arte. Quanto ao Sr. Paul Bourget, o mestre de *Roman Psychologique*, ele comete o erro de imaginar que o homem e a mulher da vida moderna são capazes de serem infinitamente analisados por inúmeras séries de capítulos. De fato, o que é interessante nas pessoas de boa sociedade – e o Sr. Paul Bourget raramente sai de Fauborg St. Germain, exceto para vir a Londres, - é a máscara que cada um deles usa, não a realidade por trás da máscara. É uma confissão humilhante, mas somos todos feitos da mesma coisa. Em Falstaff há algo de Hamlet, em Hamlet não há nem um pouco de Falstaff. O cavaleiro gordo tem seus humores melancólicos, e o jovem príncipe tem seus momentos de humor tosco. Onde nos diferimos um do outro é puramente em acidentais: no vestir, maneiras, tom de voz, opiniões religiosas, aparência pessoal, hábitos e semelhantes. Quanto mais se analisa as pessoas, mais as razões para fazê-lo desaparecem. Cedo ou tarde se chega àquela detestável coisa universal chamada natureza humana. Realmente, como qualquer um que já trabalhou entre os pobres sabe muito bem, a irmandade entre os homens não é um mero sonho de poeta, é uma deprimente e humilhante realidade; e se um escritor insiste em analisar as classes superiores, tanto melhor seria escrever sobre garotas combinando e vendedores de carrocinha.” Contudo, meu querido Cyril, não mais o deterei. Eu bem admito que os romances modernos têm bastantes pontos positivos. Só insisto que, como classe, são bem ilegíveis.

Cyril – Isso é certamente uma qualificação bem grave, mas devo dizer que acho-o bastante injusto em algumas de suas críticas. Eu gosto de *The Deemster*, e *The Daughter of Heth*, e *Le Disciple*, e *Mr. Isaacs*, e quanto a *Robert Elsmere*, eu sou bem devotado a ele. Não que eu possa vê-lo como uma obra séria. Como uma exposição dos problemas que confrontam o cristão digno é ridículo e antiquado. É simplesmente *Literatura e Dogma*, de Arnold, com a literatura excluída. É tão atrasado quanto *Evidências*, de

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

